

**ANO LXX - Nº 355
JANEIRO/JUNHO 2018
SEMESTRAL**

Diretor: P. Dário Pedroso SJ

GRATUITO



GRAÇAS DO PADRE CRUZ SJ



PRECES PARA UMA NOVENA

Deus infinitamente misericordioso que descestes do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

Índice :

Abertura.....	pág. 2
Relato da Vida do Padre Cruz	pág. 3
O Funeral do Padre Cruz	pág. 14
O Padre Cruz.....	pág. 17
Aniversário de Nascimento do Padre Cruz.....	pág. 19
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 20
Campanha de Missas	pág. 24

Estatuto Editorial:

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é propriedade da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é uma publicação católica, que visa a divulgação da vida e obra do Padre Francisco da Cruz, sacerdote jesuíta.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.

Preparar os 70 anos da morte do Padre Cruz

Todos somos convidados a nos preparar com tempo e com mais oração, com mais leitura e reflexão, para os 70 anos da morte do Padre Cruz, ocorrida no dia 1 de Outubro de 1948. A seu tempo se comunicará o horário das celebrações desse grande dia. Até lá vamos rezando muito, pedindo graças, desejando milagres comprovados.

Este número da revista tem como fim ser uma boa ajuda para meditarmos aspectos da vida e da santidade do Padre Cruz e para recordar o que a comunicação social do tempo escreveu acerca dele e da sua morte.

Ser devoto do P. Cruz é um convite a imitá-lo na sua vida santa, na sua oração, no seu amor aos pobres, aos presos, aos doentes, aos que viviam longe da fé e dos sacramentos, no seu modo de amar e servir a Igreja, na sua maneira heróica e audaciosa de ser um sacerdote zeloso e evangelizador.

Que a celebração dos 70 anos da morte nos ajude a prosseguir no amor e na imitação do Padre Cruz. Peçamos muito a graça da sua beatificação.

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador

**Agradecemos que sejam apóstolos desta revista.
Arranjem assinantes ou ofereçam assinaturas.
Obrigado!**



Relato da Vida do Padre Cruz

Começamos hoje o relato da vida do P. Cruz. E porquê o P. Cruz? Para dar a conhecer ao leitor a vida de um sacerdote português, membro da Companhia de Jesus, que, tendo nascido no século XIX, morreu no século passado com fama de santo. E se foi santo - a seu tempo, a Igreja o dirá - foi um dos santos portugueses mais populares do seu tempo e cuja devoção convém reavivar. E para isto mesmo que vamos expor ao leitor a vida do P. Cruz: para reavivarmos a devoção a tão insigne sacerdote.

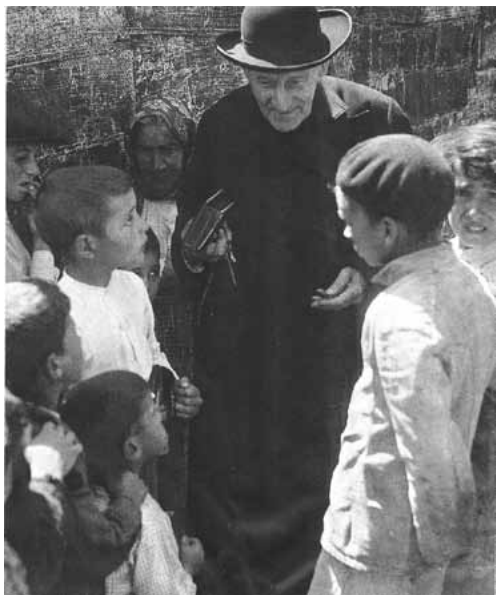
O P. Cruz (Francisco Rodrigues da Cruz), nasceu a 29 de julho de 1859, e faleceu em 1 de outubro de 1948. Foi ordenado sacerdote a 3 de junho de 1882 e entrou na Companhia de Jesus a 2 de setembro de 1940. Feita a introdução, vamos dar início ao relato.

Primeiros Passos

Francisco Rodrigues da Cruz era filho de Manuel da Cruz e de Catarina de Oliveira Cruz, tendo nascido em Alcochete. Seu pai, bom cristão gaba-se de na sua casa nunca ter sido pregado um prego ao domingo¹. Além disso, a festa da Senhora da Atalaia era todos os anos realizada a suas expensas e ofereceu à igreja da paróquia uma imagem do Sagrado Coração de Jesus,

¹ Maria Joana Mendes Leal, O «Santo» Padre Cruz, Editorial AO, Braga, 2003, 19.





O Padre Cruz com crianças

Francisco foi batizado em casa, com carácter de urgência, por estar muito doente. Esta cerimónia foi completada, com o que não tinha sido feito em casa, no dia 25 de fevereiro do ano seguinte, tendo sido seus padrinhos Nossa Senhora e D. Francisco Pereira Coutinho.

A mãe esforçava-se por dar aos filhos uma educação conforme mandava a Santa Madre Igreja. Sabe-se que, por exemplo, em dia de Sexta-Feira Santa os filhos só comiam pão e figos.

Francisco, aos 9 anos, partiu para Lisboa, na companhia do seu irmão Manuel, o mais velho, onde frequentou o Colégio Europeu, o Instituto Maiense e o Instituto Industrial. Em Lisboa, continuava a frequentar a missa dominical.

Viria a ser um rapaz como os outros, «vivo, ativo, sensível e bondoso»². Costumava caçar pardais no grande laranjal da quinta do pai. Por infelicidade, ao caçar, cegou um primo, pelo que, mais tarde, havia de lhe pagar os estudos e rodeá-lo de muitos cuidados, como uma espécie de reparação pelo que tinha feito.

Terminado o ensino secundário, o pai perguntou ao jovem Francisco o que é que queria seguir. Francisco disse ao pai que faria a vontade deste. Mas o pai bem sabia o que lhe ia na alma. Desde há muito que Francisco desejava abraçar o sacerdócio, a tal ponto que os colegas o tratavam (às vezes) por Padre Francisco. Além disso, também era essa a vontade do pai.

² Idem, 24



Coimbra e Santarém

Francisco rumou, pois, a Coimbra, para frequentar a Faculdade de Teologia. Instalou-se numa República, tendo por companheiros Alves da Hora, futuro professor de Teologia, Correia e Sá, que foi cónego da Sé do Porto, e mais três companheiros de apelido Maia, que foram párocos de freguesias da diocese de Coimbra. O pai mandava-lhe uma mesada de seis mil reis, importância generosa.³ Durante os três primeiros anos, confessou-se e comungou só uma vez por ano. Hábito que já vinha de trás, mas aos 20 anos entrou numa Congregação Mariana, que era presidida pelo Rev. Dr. António Sebastião.

Marcada com ferro em brasa ficou, na sua vida, a confissão geral que fez no Natal deste ano. Escreveria muitos anos mais tarde que depois dessa confissão geral nunca mais tinha ofendido a Deus gravemente.

O primeiro chamamento à Companhia de Jesus sentiu-o o nosso amigo Francisco nuns Exercícios Espirituais de dez dias, ao sair de Coimbra.

De Coimbra rumou ao seminário de Santarém para lecionar Filosofia, tendo recebido a ordem de subdiácono a 17 de dezembro de 1881 e a ordem de diácono a 25 de março de 1882. Foi ordenado sacerdote a 3 de junho desse ano, apesar das dúvidas que se punham sobre a sua capacidade física de aguentar o tempo de

³ Cf. Idem, 26



O Padre Cruz rezava vários terços diariamente

uma cerimônia tão longa quanto a da ordenação. Com efeito, os médicos tinham-lhe diagnosticado uma necrose encefálica, doença grave que muito o debilitava.⁴

O (já) P. Cruz saiu do Seminário para o Colégio dos Órfãos, em Braga, em 1886, porque a sua saúde se ressentia das exigências da lecionação.



Colégio dos Órfãos de S. Caetano, Braga

Braga

No Colégio dos Órfãos, o P. Cruz encontrou 150 crianças abandonadas ou sem família. O Colégio era uma espécie de seminário menor, embora no fim dos estudos secundários os estudantes tivessem liberdade para escolher entre ingressar no seminário maior ou fazer outros estudos. Para além das tarefas normais de um diretor de colégio, o P. Cruz estava muito atento à educação religiosa das crianças, tendo conversas particulares com elas, em que lhes dava bons conselhos sobre a sua formação académica e espiritual, inculcando-lhes o horror ao pecado. Mas o

⁴ Cf. Idem, 33

que mais impressionava os rapazes era a coerência perfeita entre o que o P. Cruz pregava e o que ele vivia. O P. Cruz começava o dia com os rapazes falando-lhes de uma passagem do Evangelho durante um quarto de hora. À noite, despedia-se deles falando-lhes do santo venerado no dia seguinte. Não havendo, falava de um santo da sua devoção, muitas vezes, santos da Companhia de Jesus.

Os Salesianos no Colégio dos Órfãos

(...) Para além das preleções piedosas aos rapazes, o Padre Cruz também lhes inculcava o amor à confissão e à comunhão frequentes, o que contrariava os hábitos e costumes da época.

Em breve, a diocese levou-lhe os três sacerdotes que o ajudavam neste múnus formativo, ficando o Padre Cruz sozinho à frente da parte pedagógica do colégio, ao que se somava a administração. Como já vimos no capítulo anterior, o bom sacerdote tinha uma saúde extremamente frágil e uma tal carga de trabalho foi demais. Terríveis acessos de dores de cabeça prostravam-no por vários dias e pessoas havia que lhe desaconselhavam celebrar diariamente.⁵

Nestas circunstâncias, não houver outro remédio senão procurar quem o substituisse em tão exigente tarefa. Escreveu ao Superior Geral dos Salesianos, pedindo-lhe que aquela Congregação assumisse o acompanhamento do Colégio. De maneira que, no dia 8 de novembro de 1894, chegaram dois sacerdotes e um clérigo salesianos. Todo o colégio os acolheu festivamente (à entrada foram recebidos pela banda dos alunos), o Padre Cruz introduziu-os em todos os pormenores da vida da instituição e apresentou-os a todas as suas relações. O corpo dos 140 alunos, com os seus estudantes, aprendizes de alfaiate, sapateiro e marceneiro, foi assim passado para as mãos dos padres acabados de chegar.

⁵ No entanto o seu médico, Dr. José Maria de Carvalho disse-lhe: «diga missa todos os dias e, se morrer, morre no seu posto.» Idem, 40.



Atentemos a uma extrato da cara que, à chegada, o Padre Cogliolo escreveu a D. Rua, superior dos Salesianos. «(...) esta bondade [dos rapazes] faz honra a educadores tão excelentes como tiveram até agora, especialmente o seu santo diretor, o Rev. Pe. Francisco Cruz, que não tem mais que trinta e quatro anos de idade e é de uma tal virtude que em Braga costumam chamá-lo o “Padre Santo”. É um verdadeiro modelo de humildade, de obediência e de piedade».⁶ (Temos aqui, caro leitor, a primeira referência ao Padre Cruz como um sacerdote santo). A obediência e humildade a que o Padre Cogliolo se refere são as demonstradas pelo Padre Cruz face à direção dos padres salesianos.

É agora tempo de salientar que foi durante a sua estadia em Braga que, em 1886, o Padre Cruz fez votos de entrar na Companhia de Jesus.

Além do seu trabalho no colégio, como se não fosse suficiente, o Padre Cruz ainda estendeu a sua ação à paróquia onde o colégio se integrava – Maximinos -, trabalhando no Apostolado da Oração e na Catequese. Além disso, visitava os doentes e os pobres e não deixava de aconselhar os paroquianos na devoção ao Coração de Jesus, Nossa Senhora e ao Anjo da Guarda e na prática da Confissão e Comunhão frequentes. A uma paroquiana aconselhou «humildade para se fazer pequenina no seu nada; caridade para perdoar no amor de Deus; generosidade para trabalhar nas Obras, pensando, quando Deus permite contrariedades, que o Senhor recompensa de modo especial o que sofremos por seu amor e ao seu serviço. Não ofender Nosso Senhor e ser-Lhe agradável em tudo».⁷

Começavam, então, a ser muito faladas as numerosas conversões que o Padre Cruz conseguia.

⁶ Idem, 41-42

⁷ Idem, 44

Seminário do Farrobo, Vila Franca de Xira

Findo o seu tempo no Colégio dos Órfãos, o nosso santo sacerdote dirigiu-se ao Seminário de Farrobo, perto de Vila Franca de Xira, para tomar sobre si o cargo de diretor espiritual do Seminário. Não temos muitos testemunhos dessa época longínqua, mas temos alguns. Além disso, pelos conselhos que já «ouvimos» ao Padre Cruz, não nos é difícil adivinhar o que diria aos seminaristas.



Inauguração da Igreja Bairro Padre Cruz, Lisboa

O dia do Padre Cruz começava com uma meditação. Depois, acordava o acólito e celebrava a santa missa. Então, na capela, fazia uma prática aos seminaristas e descia à igreja, onde fazia também uma prática a quem lá estivesse. Durante o ano, fazia muitos jejuns, para além dos que a Igreja recomendava. Nunca fazia juízos negativos sobre ninguém. Atendia os seminaristas e os sacerdotes do seminário e, como fazia em Braga, visitava os doentes e os presos.



S. Vicente de Fora, Lisboa

Em 1896, os seminaristas mudam-se para S. Vicente de Fora, em Lisboa. Ali viveria até 1910. Para além dos seus trabalhos de diretor espiritual, visitava os doentes, levava-lhes a comunhão e visitava os presos dos Limoeiros e as mulheres presas nas Mónicas. Acompanhava o Cardeal Patriarca nas suas visitas pastorais, preparando as pessoas para as visitas, nos três dias anteriores, pregando sobre a confissão, a comunhão e o crisma. Daí que lhe chamassem o «S. João Batista Percursor». Ainda fazia a Via-Sacra e rezava o terço com os fiéis. Nos dias em que o Patriarca estava na paróquia, as refeições eram muito cerimoniosas e demoradas. O Padre Cruz despachava-se o mais rápido que podia e ia confessar.

Em maio de 1899, adoece gravemente com uma pleurisia, tendo ido restabelecer-se para uma quinta dos Condes de Almada, nos arredores de Lisboa.

De regresso ao seminário, continuou a pregar aos seminaristas e a visitar os pobres e os doentes. (...)

Facto curioso...

Certa vez o Padre Cruz, encontrando-se na estação do Cais do Sodré, dispunha-se a tirar o bilhete para o comboio que o levaria a Belém. Entretanto aparece um pobre a pedir esmola.

- Tenha paciência, meu irmão – respondeu o Padre Cruz – vou agora mesmo para Belém e só tenho o dinheiro para a viagem.

Com razão ou sem ela o pobre insistiu atrevidamente:

- O senhor pode ir a pé a Belém, não é assim tão longe.

- Tem razão, meu irmão.

E lá fez o percurso, que não era assim tão pequeno, indo a pé.

Fala o Prior de S. Vicente de Fora

(...) «Quando tomei posse da igreja de S. Vicente, em 1900, tive a felicidade de encontrar no Paço Patriarcal o Rev. Dr. Cruz, como Diretor Espiritual do Pequeno Seminário, instalado no mesmo Paço e criado pelo Cardeal D. José III. Sempre conheci nele um grande

e extraordinário zelo pela salvação das almas. Ajudava-me nas confissões com grande proveito dos penitentes; e enquanto a saúde lho permitia, assistia sempre ao Sagrado Lausperene de S. Vicente, pregando com a maior simplicidade, mas com grande fruto espiritual; quase sempre ao descer do púlpito era procurado por um ou outro ouvinte, que se queria reconciliar com Deus. Em toda a parte era apontado e admirado pelo exemplo de todas as virtudes teológicas e morais.

A sua caridade para com os pobres era extraordinária. Não obstante a sua humildade, a sua santidade transparecia em todas as suas acções. Por isso o povo em vida já lhe chamava o Santo Padre Cruz.»⁸

Durante esta estada no seminário o P. Cruz tentou ingressar na Companhia de Jesus, o que lhe foi recusado por razões de saúde, após três dias de estadia dentro dos muros da Casa do Noviciado dos Padres Jesuítas.

Em 1905 o seminário mudou-se para Santarém e o P. Cruz ficou em Lisboa. Já tinha deixado o cargo de Diretor Espiritual em 1902-03 e seria a partir de então, e por toda a sua vida, missionário.

Peregrinação a Roma

No dia 9 de maio de 1909, o P. Cruz incorpora-se numa peregrinação a Lourdes e a Roma. Pelo interesse do relato vamos transcrever o que vem descrito no livro “O Padre Cruz”, da autoria de José Dias da Cruz, seu sobrinho e afilhado de batismo e casamento.⁹ (Respeitemos a grafia da época.)



⁸ Depoimento de Mons. Francisco Esteves – Prior de S. Vicente de Fora, Idem, 52

⁹ Edição do Apostolado da Imprensa, Porto, 1949, pags 20-22.



«No dia 9 de Maio o dr. Padre Cruz incorporou-se, pela primeira vez, numa peregrinação a Lourdes e Roma, presidida pelo sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, da qual faziam parte também os snrs. Bispo do Algarve, e depois do Porto, D. António Barbosa Leão, e Arcebispo de Évora, D. Augusto Eduardo Nunes. O rev. Padre dr. Cruz foi acompanhado de seu sobrinho José Dias da Cruz e um outro parente e do rev. Prior da freguesia de Samouco (vizinha da de Alcochete). Rev. Padre Francisco Carlos Nunes.

A Peregrinação partiu de Lisboa, da estação do Rossio, e era bastante numerosa, juntando-se-lhe no percurso até à fronteira portuguesa muitas pessoas. Em Lourdes houve uma demora de dois dias para assistir às comoventes solenidades religiosas, à procissão das velas, à bênção dos doentes e a todas as impressionantes manifestações de Fé daquelas multidões, que lá se reúnem para louvar a Santíssima Virgem, na Gruta de Massabielle. Na Basílica de Lourdes, o sr. Cardeal Patriarca celebrou de pontifical na festa promovida pela peregrinação portuguesa, e pregou o eloquente orador sagrado D. Augusto, Arcebispo de Évora.

No dia 14 de Maio, chegou a peregrinação a Marselha onde houve uma demora de algumas horas. O rev. Padre Cruz foi convidado por amigo a dar uma volta, em carruagem pela cidade. Os seus companheiros de viagem, em número de cinco, entre os quais o seu sobrinho e o Padre Nunes, dirigiram-se a um trem de praça (fiacre) para darem também um pequeno passeio. O cocheiro não percebia bem o francês dos seus interlocutores e punha a dificuldade de eles serem demais, porque o carro era pequeno. Estabeleceu-se discussão e começou a juntar-se gente. Nessa altura, apareceu um sacerdote



Estátua do Padre Cruz junto
a Bairro Padre Cruz, Lisboa

francês, que se dirigiu ao seu colega, Padre Nunes, para lhe prestar auxílio, pois supunha que a causa da discussão era a dificuldade do pagamento do aluguer do carro. O Padre Nunes volta-se para o colega, e diz-lhe: «Domine! Nos sums quinze. Dificulta non est pecuniae, sed numeri». O sacerdote francês inclinou-se e retirou-se, por não ser precisa a sua intervenção. E o projectado passeio não se realizou. O rev. Padre Cruz achou muita graça e riu com vontade quando lhe contaram este episódio, que, por isso, aqui vai relatado.

De Marselha dirigiu-se a peregrinação para Roma com alguma demora na cidade de Génova, na qual é digno de ser visitado o Campo Santo, com os seus admiráveis mausoléus.

Chegou a Roma no dia 15, cerca das onze horas da noite, tendo sido aguardada pelos estudantes e professores do Colégio Português e alguns indivíduos conhecidos dos peregrinos. O rev. Padre Cruz foi hospedar-se na casa dos seus amigos Padres Salesianos, em Santa Maria Liberatrice, al Testaccio, e visitou algumas das principais igrejas, basílicas e monumentos da Cidade Eterna, aonde ia pela primeira vez na sua vida.

No dia 18, foi a peregrinação portuguesa recebida em audiência pelo Santo Padre Pio X, de saudosa memória, numa das grandes salas do Vaticano, cerca das onze horas da manhã. O dr. Padre Cruz estava muito constipado e com febre nesse dia, mas não quis deixar de comparecer na audiência do Santo Padre, para o ver e receber dele, assim como todos os peregrinos, a sua Bênção.

No dia 20, assistia com toda a peregrinação, na Basílica de S. Pedro, às imponentes e deslumbrantes cerimónias de canonização de dois santos: José Oriol, espanhol, e Clemente Hofbaur, alemão. O cortejo pontifício e todas estas cerimónias são indescritíveis, em presença de uma multidão de cerca de oitenta mil pessoas que enchia a Basílica». A peregrinação portuguesa saiu de Roma no dia 25 de maio e chegou a Lisboa a 1 de Junho, tendo parado em Génova, Marselha, Lourdes, Bayona e Valladolid.

P. Gonçalo Miller Guerra, sj

Textos publicados na revista “Cruzada”, fevereiro-abril 2018



Milhares de pessoas desfilaram perante o corpo do padre Cruz.

“Diário de Lisboa”, 3 de Outubro de 1948

O funeral do santo padre Cruz constituiu a primeira peça da sua canonização, em cujo processo podem depor todos os humildes que ele em vida socorreu e animou, a grande legião que desde ontem o chora e que hoje o velou e acompanhou a pé, enquanto pede e que o aguardou em Benfica, que ficará sendo local de romagens.



Funeral do Padre Cruz,
Sé Catedral de Lisboa

Durante toda a noite velaram turnos e toda a manhã filas compactas circularam pelas naves da Sé, dando voltas até passar ante o corpo do venerando padre Cruz, para contemplar pela última vez o seu rosto bondoso, e muito para o tocar com os retratos que á porta se vendiam. Rezaram-se missas consecutivas e, às 11 horas, com a assistência dos srs. ministro da Guerra, governador civil de Setúbal, presidente da Camara Municipal de Alcochete - terra da naturalidade do extinto - pessoas de família e enorme multidão, começaram a celebrar-se solenes exéquias na Sé Patriarcal, « por excepção, como excepcional foi o santo morto » - disse o sr. cardeal-patriarca, que deu a absolvição final.

Assistiu o cabido e oficiou o sr. dr. Pereira dos Reis, reitor do Seminário dos Olivais, acompanhando a «Schola Cantorum» do mesmo seminário. Pelas 14 horas procedeu-se á soldagem da urna, dando-se então cenas impressionantes, depois de muitas outras registadas durante toda a manhã.

Antes das 15 horas já se não podia entrar no templo, apesar do bom serviço de policiamento, que pretendia fazer circular a multidão. À entrada da Sé, sob os panejamentos, reuniram-se numerosas individualidades representativas cujos nomes seria difícil dar, tantas eram e tantas as representações que ostentavam. O cortejo fúnebre, com sacerdotes e estandartes de numerosas congregações religiosas, pôs-se então em marcha, processionalmente, descendo a Rua da Madalena até á da Alfandega, voltando no Terreiro do Paço, onde se fizera a concentração de automóveis. Até então, em todo o trajecto, alinhavam nos passeios filas de pessoas que se iam somando aos que em cortejo pela Rua Cláudio Nunes seguiam a pé.

Subindo a Rua Augusta o interminável cortejo de automóveis passou pelo Rossio e subiu a Avenida da Liberdade, seguindo depois pela Avenida António Augusto de Aguiar e por Palhavã, processionalmente, desde a igreja paroquial de Benfica, onde aguardavam congregações religiosas, em cortejo pela Rua Cláudio Nunes. E no cemitério de Benfica, onde a multidão se apinhava, o humilde caixão de pinho ficou no jazigo da Companhia de Jesus, por expressa determinação do finado.

O escultor Raul Xavier, que em vida do venerando padre Cruz lhe esculpira o busto, tirou ontem o molde da máscara fúnebre.

Na capela da Cadeia do Limoeiro rezou-se missa por alma do bondoso sacerdote, que tantas vezes visitava e socorria os presos. Estes assistiram em elevado numero, cerca de trezentos, porque mais não cabiam na capela, e enviaram uma coroa de flores, a juntar às muitas que pessoas de todas as categorias depuseram sobre o ataúde.



LINDO DIA

“Que lindo dia o de hoje”! Faleceu
Quem só viveu no mundo a fazer bem,
Com palavras da terra ecoando a céu,
Em tudo e a todos sem olhar a quem.

Círio de Deus, por Deus a Deus se ergueu,
Baixando aos corações, deserto além.
Nenhum livro entre os livros escreveu
E as almas leram nele como ninguém.

Pobre dos pobres, espalhou a rodos.
Não tinha nada e tinha para todos,
Pouco estudava e tudo percebia...

Dois verbos conjugava: orar e amar.
Tanto bastou para o fazer cantar
Na manhã de morrer: “Que lindo dia!”

2 de Outubro de 1948
Mons. Moreira das Neves

“Novidades”, 3 de outubro de 1948



O Padre Cruz

Por GILBERTO F. SANTOS

Quem não conhece o Padre Cruz? Aquele venerando sacerdote, doutor formado pela Faculdade de Coimbra, de figura já um pouco inclinada, vergada mais ao peso das suas austeras virtudes do que ao peso da sua própria idade?!

Entrou já na literatura e na História. Entrou no coração de todos os que o conhecem e melhor do que isso, entrou já no coração de todos os portugueses.

É o homem mais popular de Portugal! Piedoso, humilde, obscuro, escondido nas prisões e hospitais, sempre na tarefa do bem-fazer, tornou-se célebre. Atingiu a popularidade e a glória, sem a querer, sem a procurar; porque o servo de Deus, não se preocupa da própria glória; ocupa-se semente de fazer o bem e de dar glória a Deus.

O Padre Cruz, além das poucas horas consagradas ao sono, quase todo o seu tempo se distribui pela oração, púlpito e confessional.

O povo corre a vê-lo e a ouvi-lo. Todos o escutam com religioso silêncio.

Diz que em rapaz se confessava só uma vez por ano, mas que um dia, em Coimbra, alguém o convidou a entrar na Congregação de



Maria onde fez a aprendizagem da confissão frequente. Depois passou a confessar-se todas as semanas, e diz que a sua alma tira grande proveito das confissões.

Ficamos a pensar o que será a confissão daquele justo! O que terá ele que confessar? Contudo, quando se confessa, algumas vezes, chora, (a sensibilidade dos justos é diferente da nossa).

A confissão com ele é curta e suave; porque não ralha nem faz grandes prelecções, (a ralhar não se atraem as pessoas). O Padre Cruz só quer atrair as almas à fé, e à prática religiosa; não quer intimidar.

Nada tem do seu património. Tudo distribuiu pelos pobres. Em regra, a sua esmola é dos ricos que lhe confiam para distribuir. Nada lhe pertence. Tudo é de Deus.

Todo ele é atracção, porque todo ele é paciência e doçura. Pelo grau de perfeição cristã que atingiu, o prestígio da sua pessoa é inigualável. Em toda a parte, as multidões, ao vê-lo, acorrem a beijar-lhe a mão. A fascinação que exerce sobre as almas é irresistível.

Os refractários, os arredados dos Sacramentos desde muito tempo, quando chega o Padre Cruz, tornam-se dóceis penitentes.

Sua Eminência, o Sr. Cardial Patriarca, também tem por ele grande consideração. (Em 29 de Julho de 1939, dia em que fez 80 anos, foi Sua Eminência que lhe ajudou à missa). A que é devido todo este formidável prestígio? Nada de humano o pode explicar.

É que o prestígio do Padre Cruz é o prestígio da santidade. A santidade não é património das almas fracas; para se ser santo, é necessária a fortaleza, é necessária a força, a grande força que vem do Alto, que anima as almas a vencer as paixões.

E desta força sobrenatural tem, como poucos, a eficácia, o Reverendo Padre Francisco Rodrigues da Cruz.

Um Santo Entre Os Homens, Decoro Litúrgico do Padre Cruz,
Casa de Nossa Senhora de Fátima, Lisboa, 1942



Aniversário do Nascimento do “Santo” Padre Cruz

29 de julho, domingo

**Convidamos todos os devotos e amigos da
Causa do P. Cruz a participar na
Missa que se realizará
na Capela do Cemitério de Benfica
pelas 10h00**

**A seguir à Missa
o Jazigo estará aberto para visita**

Agradeço ao Padre Cruz por...

Após ter pedido ao “Santo” Padre Cruz que me desse boa viagem, para mim e para todos, isso aconteceu. Fui ver uma irmã que tem cancro, com pouco tempo de vida, Deus e o Padre Cruz ajudaram-me, obrigada.

Guida Jesus (Florissant, EUA);

As muitas graças que tenho recebido ao longo da minha vida, em especial a operação que o meu marido fez à próstata. Tinha um tumor maligno e graças ao Padre Cruz a operação correu bem.

Maria Isabel Rufino (Ponte de Sor);

As muitas e muitas graças que me tem feito. Se chamo o seu nome, tudo aparece e se faz. Para o meu filho e duas netinhas tem sido o seu pilar, que Deus continue a ajudar através dos pedidos do Padre Cruz.

Tília Maria Almeida (Porto);

As muitas graças obtidas por sua intercessão junto do Senhor. Em especial, pela boa classificação que o meu filho mais velho obteve no exame para a escolha da especialidade. Conseguiu assim vaga numa excelente especialidade, como ele ambicionava.

Também pela cura de uma doença grave do meu marido, que os médicos diagnosticaram como sendo oncológica e se revelou benigna.

Obrigada, meu Santo Protetor por, ao longo da minha vida estares sempre presente. Peço-te, que me continues a abençoar e aos meus com a tua ajuda e proteção.

Isabel Fonseca (Souselas);

As várias graças recebidas. Por sua intercessão junto de Deus, me tem ajudado ao longo da minha vida. Neste momento, que venho de atravessar uns momentos difíceis de saúde, com a ajuda do “Santo” Padre Cruz já me sinto melhor.

Maria Pureza Vasconcelos Fernandes (Arcos de Valdevez);

A minha filha ter encontrado estabilidade na vida, conseguindo um emprego depois de ter feito a novena ao “Santo” Padre Cruz.

Margarida Freitas Rocha (Cinfães);

Após passar por uma grande aflição, ter pedido ao “Santo” Padre Cruz e este me ter ouvido.

Albertina Garcia Borges Leal (Vila Nova de Gaia);

O meu sobrinho e sobrinha, que estão em Inglaterra, terem ficado efetivos no seu trabalho e com a casa onde vivem. Pedi tanto ao meu “Santo” Padre Cruz e ele concedeu-me mais esta graça.

Engrácia de Jesus Ribeiro (Braga);

Todas as graças que tenho recebido. A minha filha tem esclerose múltipla e teve agora um tumor num peito, mas com a ajuda de Deus e do “Santo” Padre Cruz está melhorzinha.

Ana Morão Vilela Ribeiro (Vila Franca de Xira);

As inúmeras graças que por sua intercessão tenho alcançado de Deus e em especial as melhores do meu sobrinho.

Maria Amélia Santos Moreira, (Cascais);

Ter sido avó, embora tarde, de um menino, o que pedi fervorosamente.

Maria Fernanda Campos (Coimbra);

O meu desempenho numa conferência académica.

António Xavier Forte (Escudeiros).





*Deram
Esmola
e Agradecem
Graças*

Sofia Maria da Costa Mesquita Guimarães (Vila Nova de Famalicão); Maria da Conceição Vasconcelos Basto Sousa Gomes (Ermesinde); Rosélia Fátima Correia Vicente Gomes (Paderne); Júlio Silva (São João da Talha); Beatriz de Fátima da Conceição Morais (Coimbra); Maria da Conceição Leandro dos Santos Roque (Ferragudo); Maria da Conceição Ribeiro Freire (Vide); Rosa Salgueiro Pinto (Parada de Ester); Mariana dos Santos Roque Araújo da Ponte e Sousa (Sousel); Daniela Freitas (Algueirão); Maria de Lourdes Correia Martinho (Mem Martins);

Adolfo Portela (Tomar); Graciosa Coelho Simão Matias (Coimbra); Maria da Conceição Coelho Teixeira (Maia); Maria de Fátima Teixeira Dias Magalhães (Maia); José Mira (Hartford, EUA); Maria Idalina Taveira Guimarães (Peso da Régua); Maria Isabel Catum Lourenço e Susana Lourenço; Rosário Silva Calado (Murtosa); Maria da Graça Pereira Inácio (Colares); Maria Adelaide da Horta Silva Leiras (Sintra); Paula Machado (Versailles, França); Grupo de Coimbra; Alice da Purificação Pedro (Alhandra); Maria Rosa Barreto (Vendas Novas); Engrácia de Jesus

Ribeiro (Braga); Maria Sameiro Cardoso (Vila Nova de Gaia); José Godinho e família (Hudson, EUA); Maria Antónia Alves Teixeira (Lousada); Aurora Paz Nunes (Lisboa); Augusta Branca Jesus Marcos (Odivelas); Ema Silveira Lemos (Angra do Heroísmo, Açores); Maria Manuela Gonçalves Ormonde (Angra do Heroísmo, Açores); Maria de Jesus Nunes Maciel (Madalena, Açores); Ana Morão Vilela Ribeiro (Vila Franca de Xira); Arminda da Conceição Tomaz Silva (Sintra); Alice Nunes (Napa, EUA); Maria Soares (Turlock, EUA); Teresa Caldas Rasteiro (Póvoa de Santo Adrião); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Adelaide Paixão (Corroios); Maria do Céu Ferreira Vieira (Braga); Júlia Oliveira Reis (Corbeil, França); Maria de Lurdes Nunes (Lisboa); Maria de Lurdes Inácio Arsénio (Ericeira); Maria Luísa Almeida (Coimbra); Maria Emília Arezes Bessa (Porto); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Guilhermina Rolim Garcia (Roliça); Maria Emília Rodrigues Sousa (Lisboa); Rosa Bento (Esmoriz); Maria de Fátima Moita (Cinfães); Maria Silveira (Hanford, EUA);

Rosa Maria Gonçalves Mesquita (Lixa); Annette Deville (Havelange, Bélgica); Delfina Salgueiro (Unhos); Deolinda Glória Sequeira (Lisboa); Leonília Sequeira (Santarém); Beatriz de Fátima Morais (Coimbra); Dulce da Conceição Ferreira (Póvoa de Varzim); Maria Azevedo da Silva (Porto); Maria Olga Brito (Portimão); Maria Teresa Medeiros Vieira (Santa Bárbara, Açores); Maria Luísa Silva Soares (Sebolido); Maria Alice Gomes Monteiro (São Paio de Merelim); Precília da Conceição Catarino e irmã (Trevões); Maria Teresa Teles (Viseu); Antónia Maria Azeitão Gomes (Camarate); Bernardino Oliveira (Porto); Leonília Sequeira Ferreira (Santarém); Maria A. Lopes (Coimbra); Joaquim Rodrigues Silva (Leça do Bailio); Maria Ermelinda Martins Matos Costa (Lisboa); Antonieta Avelar (Toronto, Canadá); Margarida G. Morgado (Etobicoke, Canadá); Maria Rosa Pires Guilherme (Amadora); Maria Gabriela Caiano (Porto); Margarida G. Derouen (Cocoa, EUA); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Clementina Tavares da Silva (Lever).





Igreja de S. Vicente de Fora

Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); António Xavier Forte (Escudeiros); Eulália Simões Neves (Lisboa); Maria Amélia Leitão Bento Silva (Lisboa); Maria Beatriz Guerra (Benavente); Maria Sameiro Rui-vo (Amadora); Maria Arménia Agria (Coimbra); Margarida Freitas Rocha (Cinfães); Manuel Araújo Amorim (Alcabideche); Manuel Pereira (Mangualde); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Maria Amélia Santos

Moreira (Cascais); Angelina Barbosa (Vila Verde); Luís Manuel Roque Fidalgo Alegria (Abrantes); Rosa Salgueiro Pinto (Parada de Ester); Maria Vitória Gomes Barros (Almeirim); Jorge Manuel (Coimbra); Maria do Rosário de Fátima Jesus Batista (Coimbra); Ana Santos (Lisboa); Maria Cecília Marques Pereira da Nóvoa (Porto); Fernanda Augusta Gil Ferreira (Pombal); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Maria Luísa Correia Santo (Lisboa).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredicto. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

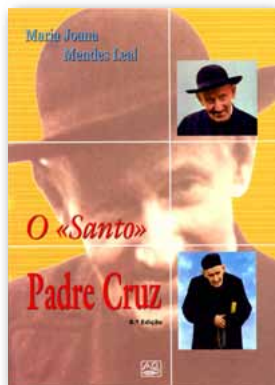
Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza.

Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se a cura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Director do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Director Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz. São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.

Propriedade, Edição e Redação: Causa de Beatificação e Canonização do
Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ

Rua da Madalena, 179 R/C * Apartado 2661 * 1117-001 LISBOA

Te1ef.: (+351) 218 860 921

Email: causapadrecruz@padrecruz.org * Site: www.padrecruz.org

NIPC: 501121641

Tiragem: 1.300 exemplares

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Depósito Legal n.º 17.244/88

Registo na ERC n.º 127099

Distribuição Gratuita

Pedidos de livros: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. | Rua S. Barnabé, 32 | 4710-309 BRAGA

e-mail: livros@snao.pt | Tel.: 253 689 443